



Apresentação

Ensino de História

É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando (Bhabha, 1998, p. 24).

**Carmen Teresa Gabriel Anhorn
Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro**

Organizar um dossiê com essa temática nos posiciona em meio às lutas hegemônicas travadas em campos da discursividade, como o *fazer pesquisa* no campo educacional e o *ensino de* uma área específica de conhecimento, para destacar apenas os que nos interessam de mais perto nesse projeto editorial. Pesquisar em ensino de história significa, pois investigar na fronteira, esse lugar teórico de que nos fala Homi Bhabha na citação que serve de epígrafe a esse texto introdutório. O significante *fronteira* nos parece triplamente adequado para reforçar a liga entre essas produções intelectuais.

Em um primeiro momento ele marca o contexto político-cultural e epistemológico no qual as problematizações e argumentações teórico-empíricas desenvolvidas nas diferentes escritas foram formuladas. Tempos *pós*, onde emergem novas possibilidades de fixação de sentidos de presente que não mais o qualificam apenas como um novo horizonte nem como um abandono do passado, mas como um campo de lutas onde são traçadas estratégias de equacionamento das tensões entre passado e futuro, tradição e tradução, memórias e projetos. O prefixo *pós* significa, nessa perspectiva, um *além* que não é sinônimo de posterioridade cronológica ou de uma negação que reforça polaridades e leituras dicotômicas de mundo. Mas sim, um *além* que reconfigura, desloca tempos e espaços, um *entre-lugar* onde sentidos sobre pesquisa, ensino e história são produzidos, recontextualizados e hibridizados em função de suas filiações aos diferentes movimentos teóricos disponíveis no campo discursivo de nossa contemporaneidade.

Investigar nesses tempos *pós* do lugar do *ensino de*, do jeito que apostamos e fazemos nesses artigos é duplamente nos enveredarmos nesse trabalho fronteiro, na medida em que nos coloca de saída em um espaço de intermédio entre dois campos de pesquisa: Educação e História. *Ensino de* é aqui assumido como um lugar híbrido, tenso, onde são disputados fluxos de sentidos de sujeito (professor e aluno), de saberes disciplinares – validados como legítimos para serem ensinados na educação básica – e de escola, entre outros. Assim, contrariamente a outras fixações de sentido possíveis da expressão *ensino de*, não assumimos uma postura nostálgica em relação à natureza, função ou funcionamento do conhecimento escolar de base disciplinar, como se quiséssemos nos colocar na contra corrente das discussões do campo educacional que giram em torno da pluri, inter ou transdisciplinaridade do conhecimento que circula nas escolas. O sentido de fronteira aqui privilegiado nos ajuda a nos situar nesse debate. *Ensino de* como entre-lugar de onde queremos fixar, em um campo de discursividade mais amplo, os discursos sobre sujeitos, saberes e escola. *Ensino de* como um lugar teórico em construção, que emerge no nosso presente, como um lugar potencialmente fértil para aglutinar questionamentos, problematizações antes dispersas ou não classificadas entre os objetos de alto status acadêmico. Reunimos assim, neste dossiê, textos cujas temáticas e abordagens poderiam justificar sua organização de forma separada em outras *coleções* como, por exemplo, *textos do campo do currículo*, *textos do campo da Didática*. Nossa opção foi propor leituras outras que possam permitir hibridizar essas classificações e criar novas coleções, ainda que saibamos ser essas também provisórias e incompletas. *Ensino de* como estratégia política, como um ponto nodal (Laclau & Mouffe) na cadeia de equivalências de sentidos atribuídos aos lugares político-epistemológicos que têm legitimidade para pesquisar sobre sujeitos e saberes em contextos escolares.

Por fim, mas não menos importante, a ideia de fronteira que nos permite organizar este dossiê se faz presente não apenas como lugar teórico de onde falamos, mas também como uma marca que atravessa a própria razão de ser do conhecimento histórico. Considerando que o discurso historiográfico, desde a sua entrada no campo científico, no século XIX, seja ele em sua forma acadêmica ou escolar, está estritamente vinculado aos discursos identitários que disputam fixações de marcas de lealdades aos diferentes grupos de pertencimento, compreende-se facilmente o sentido de fronteira atribuído aos lugares de sua produção, distribuição e consumo. Território de disputas de identidades, de memórias coletivas, de passados comuns; de produção de alteridades no tempo e no espaço, o ensino de história bem como o campo de pesquisa que o toma como objeto de investigação, não podem ficar imunes aos debates conceituais contemporâneos. Referimo-nos especialmente às discussões que giram em torno das críticas pós-estruturalistas que deslocam subjetividades, afirmam a diferença problematizando o sentido fixado de identidade como algo monolítico, engessado e essencializado.

É, pois, a recontextualização e hibridização, explícita ou não, de uma ou mais dessas três esferas de fronteira que confere o fio condutor de uma leitura possível do conjunto dos textos dos diferentes autores nacionais e internacio-

nais que compõem este dossiê. Embora não encontremos em todos eles as mesmas zonas de fronteira, todos enfrentam a partir de diferentes enfoques e abordagens os desafios que se colocam, em nossa contemporaneidade, para quem se propõe a pensar e significar sujeitos e saberes em situações de ensino e aprendizagem de história nos diferentes níveis de formação. Essa marca da condição de produção dos textos é, sem dúvida, uma singularidade deste dossiê, exigindo, de alguma forma, que essa zona de intersecção inclua as demandas e especificidades do campo pedagógico. Os textos aqui reunidos, embora tenham enfoques e problemas de pesquisa distintos e operem a partir de diferentes empirias, possuem em comum o fato de apostarem na articulação de aportes vindos de horizontes teóricos, disciplinares e políticos diferenciados para a construção de zonas de fronteira teórica potencialmente férteis para a compreensão da história-ensinada apreendida como objeto de investigação.

Desse modo, o lugar de fronteira onde se tecem os sentidos de *ensino de história* se destaca, em meio aos diferentes planos de entrecruzamento anteriormente mencionados, como matriz de uma teia onde são possíveis diferentes enredamentos em função dos recortes, ênfases que podem servir de critérios para a produção de novas matrizes de significação. Tutiaux-Guillon argumenta em seu texto sobre o lugar incerto e paradoxal da Didática da história no âmbito do contexto francês, onde a cultura histórica é bastante expressiva e ocupa uma posição hegemônica na disputa pelos sentidos do passado. Os textos de Lautier e Cerri, com interlocuções teóricas diferenciadas, configuram uma *coleção* singular neste conjunto, cujo enfoque está posto na aprendizagem dos alunos/as no âmbito dessa disciplina escolar. Lautier, em interlocução com diferentes áreas do conhecimento, particularmente o da epistemologia da história e da psicologia social, sublinha o papel das representações e do senso comum na aprendizagem histórica dos alunos/as. Cerri analisa as potencialidades da categoria *consciência histórica* desenvolvido no quadro teórico de Rösen para o avanço da apreensão das temporalidades em contexto escolar. Do mesmo modo, o foco na perspectiva histórica desse lugar de fronteira é destacado em textos como os de Bittencourt e Gasparello. O primeiro traz uma abordagem panorâmica e histórica da trajetória dessa disciplina escolar. Gasparello nos remete a refletir sobre essas zonas de fronteira em outras temporalidades, destacando a articulação da historiografia francesa do século XIX na construção de uma pedagogia histórica escolar que marcou o ensino secundário brasileiro naquele período. Os argumentos desenvolvidos nos textos de Laville, Sales, Gabriel & Costa, com entradas teóricas diferenciadas, abordam os embates identitários articulados com o processo de seleção e organização dos conhecimentos escolares validados e legitimados para serem ensinados e aprendidos. Gabriel & Costa evidenciam a nova lógica política do cultural, materializada nas disputas travadas no campo da discursividade em torno da fixação de sentidos da identidade nacional; Sales explora, dialogando com os estudos enunciativos, a recepção das leis 10639/2003 e 11645/2008 pelos professores do ensino fundamental. Laville argumenta sobre os novos embates culturais que alimentam o

que ele nomeia de antigas e novas *guerras da história* travadas nos diferentes textos curriculares. Monteiro & Penna desenvolvem igualmente uma discussão a respeito da pesquisa realizada sobre a história ensinada, em meio aos entrecruzamentos de discursos e contribuições produzidos nos campos da História, da Educação, percebidos como campos igualmente híbridos. Os resultados da pesquisa realizada, com base em constructo teórico produzido em *lugar de fronteira*, e que inclui também as contribuições da retórica, apresentam análises de construções da história ensinada considerando a especificidade epistemológica desse objeto e a autoria de seus agentes.

Assim, as pesquisas em ensino de História apresentadas neste Dossiê se constituem em lugar de fronteira, entre-lugar no qual diferentes perspectivas teóricas se entrecruzam, dialogam e se hibridizam, possibilitando múltiplas e diferentes leituras, apropriações e produções culturais. Desejamos que este Dossiê venha a se tornar um lugar que instigue a formulação de novos problemas e pesquisas em ensino de História.

Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro é professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRJ. É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Currículo (NEC/UFRJ) onde desenvolveu a pesquisa *A história ensinada: saber escolar e saberes docentes em narrativas da história escolar*. Suas pesquisas e publicações estão relacionadas a contribuições teóricas da epistemologia da história e do campo do currículo para a investigação dos saberes mobilizados na prática e formação docentes.

E-mail:anamont@ufrj.br

Carmen Teresa Gabriel é professora do Programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRJ, Rio de Janeiro, RJ. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Currículo (NEC/UFRJ) onde desenvolve atualmente a pesquisa *Verdade, Diferença, Hegemonia nos Currículos de História: um estudo em diferentes contextos*, financiada pela FAPERJ e a qual este texto está vinculado.

E-mail: cartesa@ighost.com.br